



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76  
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

## **XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS** **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

### **O Quilombola Maracujá: trajetória de uma mulher negra e professora leiga que ensinava matemática**

**Dáfne Silva dos Santos<sup>1</sup>; Eliene Barbosa Lima<sup>2</sup>**

1. Bolsista – Modalidade Bolsa/PVIC, Graduanda em Licenciatura em Matemática, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [dafnesilva05@gmail.com](mailto:dafnesilva05@gmail.com)
2. Orientadora, Departamento de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [eblima@uefs.br](mailto:eblima@uefs.br)

**PALAVRAS-CHAVE:** Negra; Professora; Quilombola; Bahia; História

### **INTRODUÇÃO**

A ancestralidade do povo africano na construção da vida econômica, política e educacional da Bahia teve seu protagonismo silenciado em uma historiografia tradicional construída sob o ponto de vista daqueles que detinham o poder político e social.

A marginalização dos descendentes desses povos vem ganhando novos contornos por meio de uma história ‘vista de baixo’, que dá voz aos homens e mulheres pretos, assumindo o protagonismo de suas próprias histórias. Nesse contexto, por ser uma mulher negra em uma sociedade que carrega essas marcas, as problemáticas envolvendo a educação de povos africanos sempre foi algo que me afetou diretamente. A minha trajetória educacional, na escola básica, foi toda realizada no interior da Bahia, em Conceição do Coité, cidade onde nasci, resido e que tem uma origem escravagista. Então, gerava muitos questionamentos o fato de ter dificuldade em encontrar professoras negras, principalmente, quando comparado ao número de professores e professoras brancas. Dessa forma, interrogava: como, em um país e em uma cidade de origem escravagista e de maioria populacional negra, há tão poucas professoras negras?

Assim, este plano de trabalho teve como objetivo compreender a trajetória de uma mulher negra e professora leiga que entre as suas atribuições ensinou matemática na comunidade Quilombola denominada Maracujá, no período de 1970 a 1995, pertencente à cidade de Conceição do Coité, Bahia. Esse período corresponde aos anos de exercício docente da professora Maria Rita Marcelina Silva nessa comunidade. Tal investigação foi norteadada pela seguinte questão: Como ocorreu a trajetória de uma mulher negra e professora leiga na comunidade Quilombola denominada Maracujá, da cidade de Conceição do Coité, Bahia, no período de 1970 a 1995? Seu desenvolvimento foi no âmbito do projeto de

pesquisa “Tecendo o processo histórico de profissionalização docente, no âmbito da matemática, nos seus diferentes níveis de formação na Bahia, de 1925 a década de 1980”<sup>1</sup>.

## **MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)**

Este plano de trabalho voltou o seu olhar para uma historiografia da história cultural e, em particular, para uma história ‘vista de baixo’, norteadas principalmente por Thompson (2002). Este autor afirma que:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro ludita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares superiores de condescendência da posteridade. Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. Sua hostilidade frente ao novo industrialismo podia ser retrógrada. Seus ideais comunitários podiam ser fantasiosos. Suas conspirações insurrecionais podiam ser temerárias. Mas eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não.

Além disso, buscou-se uma apropriação de uma história da educação matemática. Muitas leituras e discussões foram realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa Laboratório de Integração e Articulação entre Pesquisas em Educação Matemática e Escola (LIAPEME), em sua linha de pesquisa *História da Matemática e do seu Ensino*, bem como por meio de orientações individuais.

Por este prisma, para realização desse estudo foram localizados livros e textos que tratavam sobre a cidade de Conceição do Coité. Os livros fazem referência a história da sua fundação e a personalidades negras importantes para a comunidade local. Eles são: *Martinha: Escrava, esposa e rainha* (2004); *Conceição do Coité: da colonização à emancipação (1730-1890)* (2007), ambos do pesquisador Orlando Matos Barreto e, ainda, as produções da professora Raiane Cordeiro de Araújo, denominadas *A riqueza do lugar* (2021) e *Os diferentes sons do quilombo: a mágica visita da sinfonia concertante* (2022). Já os textos dizem respeito às coletâneas de textos informativos acerca da cidade, organizados e escritos pela professora Marialva Carneiro de Carvalho. Fez, ainda, entrevistas com duas professoras da cidade de Conceição do Coité, quais foram, a professora Eliene Souza Dantas, que atuou juntamente com a professora Maria Rita na mesma escola, e a professora Marivania Santos, filha da professora Maria Rita. Buscou-se preencher algumas lacunas diante dos silêncios nos documentos escritos acerca das atividades da professora Maria Rita direcionadas ao ensino de matemática.

Por fim, fez- uso também de materiais pertencentes ao acervo pessoal da professora Eliene Dantas, que nos concedeu acesso e autorização para serem digitalizados. Para a pesquisa, conseguiu-se fazer uma análise inicial de um dos livros didáticos utilizados na época denominado *Gente crescendo com a matemática*, produzido pelas autoras Ignez Barreto de Almeida Prado e Ana Maria Carvalho Chiquillo ([198?]), bem como do livro

---

<sup>1</sup> Este projeto foi fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Na atualidade, tem o apoio do Programa Interno de Auxílio Financeiro a Projetos de Pesquisa e Inovação (FINAPESQ).

*Sementes de Educação contextualizada: Resultados e caminhos encontrados na pesquisa do projeto CAT MOC/ICEP/UFCG*, produzido por Maria do Socorro Silva (2015).

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)**

Por meio dos documentos localizados, interpretou-se que a professora Maria Rita liderou e inspirou os moradores do Maracujá. Foi ela quem buscou a legitimação da comunidade enquanto comunidade quilombola, o que veio a acontecer em 2014, 16 anos após o seu falecimento.

A partir de diversas visitas, buscando mais elementos sobre a Comunidade, uma nova personalidade surgiu na fase final da IC: a professora Eliene Souza Dantas, que nasceu e viveu grande parte da sua vida na zona rural, isto é, no povoado de Matinha, próximo ao Maracujá. Ela estudou em diversas localidades, formando-se no ensino médio em Conceição do Coité. Posteriormente, em 1986, ela começou a lecionar na comunidade do Maracujá, permanecendo nesta localidade por 33 anos. Eliene Dantas conheceu e trabalhou com a professora Rita no Maracujá. Juntas, lecionaram, uma dando suporte à outra. Nesse período, elas vivenciaram os processos e mudanças realizados na Comunidade, que passou a ter visibilidade em suas questões a partir da luta de Maria Rita. Na fase final do exercício docente da professora Maria Rita e anos após sua passagem na escola, muitos projetos começaram a ser aplicados na localidade. Na própria síntese de Dantas (2024, p.3) “Tinha esse que eu te falei do CAT [Conhecer, Analisar e Transformar], tinha o PA, tinha o PROFA, tinha vários projetos. E assim, todos eram projetos bons e que incentivaram muito a leitura, a escrita, em todas as áreas era bom”.

O projeto CAT parte da ideia de que os conhecimentos podem ser estabelecidos por meio das vivências dos estudantes e da significação dos conteúdos, a partir da relação com a realidade de cada indivíduo. Sua metodologia é apoiada nos ideais de Paulo Freire e é desenvolvida com base em “Conhecer, Analisar e Transformar”. O desenvolvimento do CAT no âmbito do ensino de matemática ocorre a partir de uma problemática selecionada para ser pesquisada, articulada em uma Ficha Pedagógica que, produzida a cada bimestre, busca analisar e inserir conteúdos curriculares a partir da realidade e do contexto dos estudantes e de um tema gerador. Essa ótica é possível ser percebida no terceiro volume da série de livros *Gente Crescendo com a Matemática*, tendo como público-alvo crianças dos anos iniciais.

Por exemplo, no primeiro capítulo, voltado para os Conjuntos, subdividido em dois outros tópicos, quais sejam, Elementos e Subconjuntos, as noções de conjuntos, de seus elementos e notações são introduzidos utilizando objetos do cotidiano (como flores e frutas). Isso se estende aos demais capítulos também. Contudo, se por um lado, as autoras buscaram contextualizar os conteúdos, fazendo uso recorrente de recursos visuais para o aluno compreender matemática por meio da realidade e do lúdico, essa metodologia não foi observada nos exercícios propostos. Além de não terem qualquer tipo de contextualização, os exercícios não parecem estimular o pensamento crítico dos estudantes e a possibilidade de múltiplas resoluções das questões.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)**

A partir do que foi analisado nesta pesquisa foi possível sintetizar alguns pontos: Primeiro, Maria Rita, além de ter sido uma importante professora, foi uma líder comunitária. Ela inspirou os moradores do quilombo a reivindicarem seus direitos e a assumirem sua identidade enquanto pessoa negra. Buscou diversas melhorias, dentre elas, as mais urgentes eram a instalação de energia elétrica e de água encanada no Maracujá. Por esses aspectos brevemente aqui delineados, no ano de 2018 a escola em que passou grande parte da sua vida profissional, foi renomeada como Escola Municipal Maria Rita Marcelina Silva, em sua homenagem.

Segundo, a pesquisa tornou visível a precariedade da conservação de documentos, quando não já desaparecidos, os quais possibilitam preservar a memória institucional das escolas e a cultura de uma sociedade.

Terceiro, mesmo sob todos estes entraves, os documentos localizados a partir das interrogações feitas evidenciam a necessidade de dar visibilidade a história vista de baixo. Muitos são os esforços estabelecidos pelos professores dessas comunidades para estabelecer uma relação com ensino que também valorize a cultura da região. Conceição do Coité necessita se atentar legalmente para essa questão.

Por último e não menos importante, é de grande importância analisar os projetos que são frequentemente aplicados nessas regiões, mas não são conhecidos e reconhecidos fora de seus respectivos contextos. Também se faz necessário aprofundar a análise acerca do material matemático acessado apenas na reta final da IC, bem como ampliar as buscas para localizar mais documentos possivelmente em posse de ex-estudantes e ex-professores que passaram pelo Quilombo Maracujá, de forma a ampliar a narrativa sobre o ensino de matemática nesta comunidade ao longo de diversos tempos históricos.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. C. **A riqueza do lugar:** história da Comunidade Quilombola do Maracujá. 1. ed. Curitiba: Editorial Casa, 2021.

ARAÚJO, R. C. **Os diferentes sons do quilombo:** a mágica visita da sinfonia concertante. São Paulo: Kitembo "Edições Literárias do Futuro", 2022.

BARRETO, O. M. **Martinha:** Escrava, esposa e rainha. Conceição do Coité: Nossa Gráfica, 2004.

BARRETO, O. M. **Conceição do Coité:** Da colonização à emancipação: 1730-1890. Conceição do Coité: Nossa Gráfica, 2007.

CHIQUELHO, A.M.C.; PRADO, I.B.A. **Gente crescendo com a Matemática.** Curitiba: Editora Arco-íris LTDA, [198?].

DANTAS, E.S. **Entrevista concedida à Dáfne Silva dos Santos.** Conceição do Coité, 23 de fevereiro, 2024.

SILVA, M.S. **Sementes de Educação contextualizada:** Resultados e caminhos encontrados na pesquisa do projeto CAT MOC/ICEP/UFCG. Feira de Santana: Editora Curviana, 2015.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa:** A árvore da liberdade. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.